

**OUTROS CONTORNOS RURAIS: estratégias de geração de trabalho e renda desenvolvidas por ex-plantadores de arroz das comunidades rurais de Sobradinho e Martins (Piranguçu, Minas Gerais)**

**OTHER RURAL CONFIGURATIONS: work and income generation strategies developed by ex-rice planters from rural communities of Sobradinho and Martins (Piranguçu, Minas Gerais)**

**OTROS CONTORNOS RURALES: estrategias de generación de trabajo e ingresos desarrolladas por ex plantadores de arroz de las comunidades rurales de Sobradinho y Martins (Piranguçu, Minas Gerais)**

**Ednilson Moisés de Lima e Silva**

Mestre em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Professor de Geografia e História no Colégio Anglo de Campos do Jordão.  
ednilsonmlima7@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0001-6800-4022>

**Viviane Guimarães Pereira**

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Lavras – UFLA. Professora de Economia da Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI.  
vgpereira@yahoo.com.br / <http://orcid.org/0000-0003-4973-5764>

**Samanta Borges Pereira**

Mestra em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI. Doutoranda em Administração pela Universidade Federal de Lavras – UFLA.  
samantaborges81@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0002-6803-1415>

**Tayrine Parreira Brito**

Doutoranda em Engenharia Agrícola pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Mestra em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade pela Universidade Federal de Itajubá – UNIFEI.  
tayrinepb@gmail.com / <http://orcid.org/0000-0001-9839-9678>

**Recebido: 28/03/2020; Aceito: 12/02/2021; Publicado: 30/12/2022.**

**RESUMO**

As estratégias de geração de trabalho e renda desenvolvidas por ex-plantadores de arroz dos bairros rurais de Sobradinho e Martins, em Piranguçu, sul de Minas Gerais, Brasil, são centrais neste artigo. O objetivo foi conhecer as estratégias desenvolvidas e as mudanças promovidas após o fim dos arrozais nas comunidades a partir dos anos 2000. Para alcançar o objetivo deste trabalho foi necessário recorrer aos próprios sujeitos do cenário a ser pesquisado, o qual foi escolhido pela percepção, de um dos pesquisadores, das mudanças que ocorrem nas localidades estudadas. A investigação ocorreu com vinte sujeitos que possuem vínculo familiar e identitário com os bairros. As entrevistas retrataram as transformações e a configuração dos dois bairros estudados através das histórias de vida de cada morador selecionado. Os resultados mostraram um processo de modificação na estrutura econômica e social dos bairros, o que transformou o modo de vida de seus moradores. Com as estratégias de trabalhos não-agrícolas e das idas para áreas urbanas, os

bairros se mostraram incorporados à nova configuração urbana do município de Piranguçu, porém, mantendo uma campesinidade que ainda teima em resistir.

**Palavras-chave:** Estratégias Rurais; Trabalho e Renda; Fim dos Arrozais; Cenário Rural.

#### ABSTRACT

The strategies for generating work and income developed by ex-rice planters in the rural neighborhoods of Sobradinho and Martins, in Piranguçu, south of Minas Gerais, Brazil, are central to this article. The objective was to learn about these strategies developed and the changes promoted after the end of rice fields in communities since the 2000s. To achieve the objective of this article, it was necessary to appeal to the subjects of the scenario to be researched, which was chosen by the perception, of one of the researchers, of the changes that occur in the studied locations. The investigation took place with twenty subjects who have family and identity ties with the neighborhoods. The interviews portray the transformations and the configuration of the two neighborhoods studied through the life stories of each selected resident. The results showed a process of change in the economic and social structure of the neighborhoods, which transformed the way of life of its residents. With the strategies of non-agricultural work and trips to urban areas, the neighborhoods proved to be incorporated into the new urban configuration of the municipality of Piranguçu, however, maintaining a peasantry that still insists on resisting.

**Keywords:** Rural Strategies; Work and Income; End of Rice Fields; Rural Setting.

#### RESUMEN

Las estrategias para generar trabajo y ingresos desarrolladas por los antiguos plantadores de arroz en los barrios rurales de Sobradinho y Martins, en Piranguçu, al sur de Minas Gerais, Brasil, son fundamentales para este artículo. El objetivo era aprender sobre las estrategias desarrolladas y los cambios promovidos después del fin de los arrozales en las comunidades desde la década de 2000. Para lograr el objetivo de este artículo, fue necesario apelar a los sujetos del escenario a investigar, el cual fue elegido por la percepción, de uno de los investigadores, de los cambios que ocurren en las localizaciones estudiadas. La investigación se realizó con veinte sujetos que tienen vínculos familiares e identitarios con los barrios. Las entrevistas retratan las transformaciones y la configuración de los dos barrios estudiados a través de las historias de vida de cada residente seleccionado. Los resultados mostraron un proceso de modificación en la estructura económica y social de los barrios, que transformó la forma de vida de sus residentes. Con las estrategias de trabajo no agrícola y viajes a áreas urbanas, los barrios demostraron estar incorporados a la nueva configuración urbana del municipio de Piranguçu, sin embargo, manteniendo un campesinado que aún insiste en resistir.

**Palabras clave:** Estrategias Rurales; Trabajo y Ingresos; Fin de los Arrozales; Entorno Rural.

---

## INTRODUÇÃO

O campesinato é exposto, de modo geral e contínuo, a uma gama de pressões que se entrelaçam a ele e desafiam sua existência. São pressões que demandam a construção de estratégias de manutenção e resistência. Wolf (1976) estabelece que essas pressões podem ser: 1) produzidas pelo ambiente; 2) emanadas pelo sistema social; e 3) emanadas da sociedade global da qual a propriedade camponesa faz parte. Tais pressões “atingem todos os membros do campesinato, mas sempre uns mais que outros” (WOLF, 1976, p. 46).

Como uma dessas pressões, a mecanização do campo no Brasil, uma das características da chamada Revolução Verde, é um bom exemplo, a qual teve início na década de 1950 e foi intensificada (incentivada e financiada pelo Estado) entre meados das décadas de 1970 e 1990 sob a justificativa da modernização da agricultura para o aumento da produtividade e da qualidade da produção, constituída por maquinários, insumos agrícolas e técnicas modernas de produção (GRAZIANO DA SILVA, 1982).

O alto custo dessa modernização provocou a concentração da produção de diversas culturas agrícolas em alguns poucos produtores, que possuíam condições para investir na infraestrutura necessária e, na outra ponta, uma considerável parcela de agricultores que não conseguiram se inserir nesse processo, denominado por Graziano da Silva (1982, p. 12-13) de “modernização dolorosa”, dado o seu caráter excludente, concentrador e contraditório, foi inviabilizada em suas atividades e, até mesmo, expropriada de suas propriedades.

Entendendo a política de modernização do campo brasileiro como um fator de pressão sobre o universo rural, as transformações ocorridas no Brasil ainda advêm de uma série de outros fatores, correlacionados, como: “queda dos preços das principais *commodities*; crise mundial na agricultura nos anos 1980, a qual se arrastou até início dos anos 2000; crescimento das atividades não-agrícolas na ocupação da população rural, mudanças na estrutura da família rural e a sedução pelo ambiente urbano” (BALSADI, 2001, p. 7). Como forma de responder a estas pressões, surgem as estratégias de produção material e reprodução social, ou seja, as práticas utilizadas pelos agricultores familiares para continuarem garantindo sua permanência no meio rural através sobretudo, mas nem sempre, da atividade agropecuária (LAMARCHE, 2015).

Esta condição rural é objeto dessa pesquisa, a qual tem como foco duas comunidades do município Piranguçu, no sul de Minas Gerais, as quais eram destaques na produção de arroz da região: os bairros Sobradinho e Martins. Neste sentido, desenhou-se a seguinte pergunta de pesquisa: quais estratégias de geração de trabalho e renda foram desenvolvidas por agricultores e agricultoras das comunidades de Sobradinho e Martins após o fim de boa parte dos arrozaes nesses bairros rurais? Esta questão ainda se desdobra em outra pergunta: quais são as mudanças ocorridas na vida dos agricultores como resultado das estratégias assumidas?

Com o abandono da atividade da cultura do arroz, a hipótese era de que mudanças ocorreram no âmbito do trabalho e dos modos de vida dos ex-plantadores de arroz, bem como na própria configuração dos bairros pesquisados. Assim, o objetivo desta pesquisa foi conhecer as estratégias desenvolvidas para garantir a geração de trabalho e renda após o

fim dos arrozais nas comunidades, onde a atividade agrícola passou a ser mínima ou pouco presente para a manutenção da vida social e rural de seus moradores.

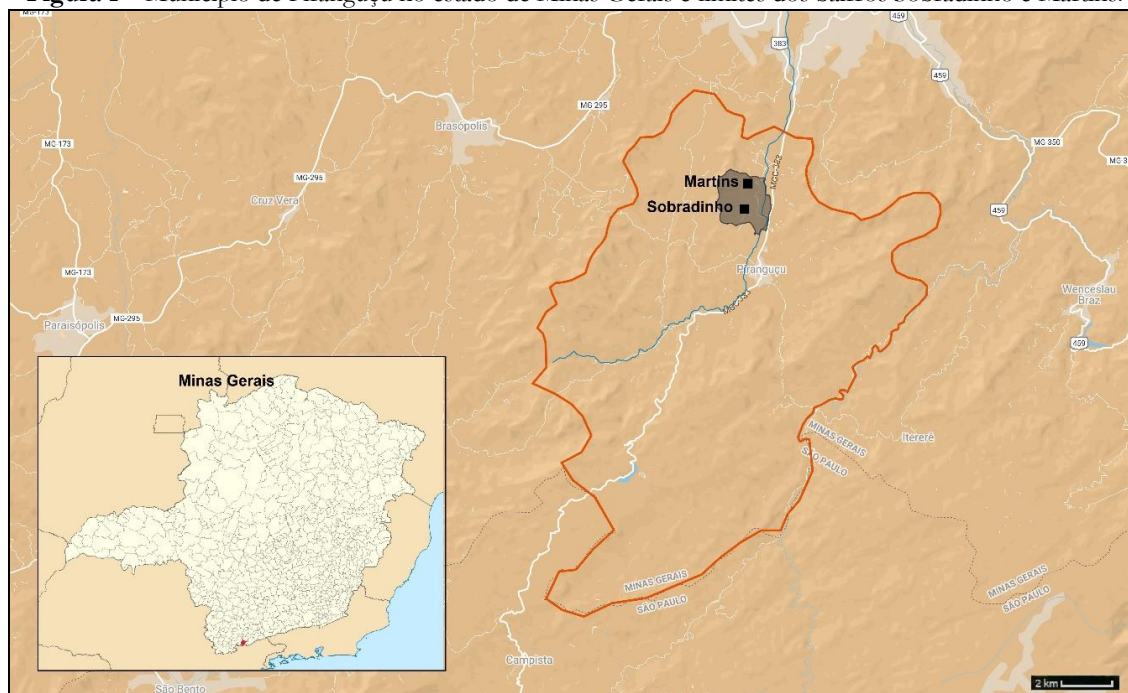
Neste sentido, o trabalho se justifica pela importância de mostrar os caminhos percorridos pelos agricultores para a manutenção da renda, trabalho e vida no espaço rural entre 1990 e 2020. Justifica-se, também, por mostrar como são complexas as transformações na vida dos agricultores, uma vez que a realidade econômica rural perpassa pelo trabalho da unidade familiar, a qual é, ao mesmo tempo, lugar de consumo e de convívio, de vida e de trabalho que sofrem as pressões emanadas da sociedade global e, também, do próprio seio rural. Como o trabalho no universo rural depende de três atributos básicos – gestão, terra e trabalho familiares – transformações oriundas de pressões/intervenções internas e externas são evidenciadas sobre esses atributos e possibilitam revelar a configuração contemporânea de um bairro rural.

Após esta introdução, o artigo está organizado em quatro partes, as quais são: (1) a metodologia, por meio da qual se apresentou as ferramentas e métodos necessários para se alcançar o objetivo; e o local de pesquisa, sendo apresentado seus contornos e identidades locais; (2) a bibliografia estudada que dá suporte à pesquisa, dividida em duas seções, por meio das quais se explora aspectos concernentes ao modo de vida camponês e suas suscetibilidades; (3) o universo rural estudado: análises, resultados e discussões, organizado em três seções em que são apresentadas as percepções históricas-locais de seus moradores em torno dos arrozais, as pessoas e suas vidas; as mudanças e permanências em torno do trabalho, sustento e renda; e o que ficou depois dos arrozais; e (4) as considerações finais.

## **METODOLOGIA**

Para alcançar o objetivo deste trabalho foi necessário recorrer aos próprios sujeitos do cenário a ser pesquisado e, neste sentido, os bairros rurais de Sobradinho e Martins se tornaram acessíveis pela familiaridade de um dos pesquisadores, que nasceu e foi morador de um dos bairros por 30 anos, o que facilitou a entrada no campo. A escolha das duas comunidades de Piranguçu - Figura 1 - se deu pela percepção das mudanças que aconteceram neste espaço e pela localização desta comunidade rural em uma região conhecida pela sua proximidade a fortes polos industriais do país: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

**Figura 1** – Município de Piranguçu no estado de Minas Gerais e limites dos bairros Sobradinho e Martins.



Fonte: Google My Maps. Elaborada pelo autor.

A investigação foi realizada com vinte moradores e ex-moradores, entre os considerados antigos e os seus descendentes que possuem vínculo familiar ou identitário com os bairros estudados. Este número de entrevistados foi alcançado após aceite de convite por aqueles que concordaram em realizar a entrevista, dentre um universo de 28 moradores que foram identificados através de uma moradora antiga do bairro Sobradinho, considerada uma informante-chave importante para a obtenção de informações prévias sobre as pessoas e histórias dos bairros.

Assim, dentro deste universo, foram selecionados aqueles que possuíam vínculo identitário-histórico com as localidades, ou seja, aqueles que nasceram e construíram suas vidas a partir da agricultura local; aqueles que nasceram e trabalharam a terra com seus pais, mas, em algum momento da vida, precisaram trabalhar na cidade e continuam morando em um dos bairros; e aqueles que iniciaram suas vidas no campo, mas, que por necessidade, se deslocaram para a cidade e são considerados ex-moradores.

Os entrevistados foram agrupados da seguinte forma: o grupo 1, composto por 10 entrevistados com idade entre 50 e mais de 70 anos e que viveram o período em que a agricultura do arroz era abundante e significava trabalho e renda entre 1935 e 2000, bem como o encerramento da plantação após 2005, identificando mudanças em suas vidas e em seus bairros. O grupo 2, composto por 5 entrevistados, entre moradores e ex-moradores,



com idades entre 25 e 49 anos e que representam o perfil daqueles que abandonaram a agricultura e decidiram buscar alternativas de geração de trabalho e renda na cidade.

As entrevistas retratam as transformações e a configuração dos dois bairros estudados através das histórias de vida de cada morador selecionado. Como instrumento de geração de dados a partir da relação com os sujeitos da pesquisa, foram realizadas entrevistas semiestruturadas a partir dos seguintes eixos: 1) o trabalho durante e depois dos arrozaís; 2) a renda durante e depois dos arrozaís; 3) a diversidade produtiva e cultura do arroz, 4) modos de vida anterior e após o abandono do cultivo de arroz.

As entrevistas foram realizadas no período entre abril de 2018 e janeiro de 2019, nas casas dos entrevistados e contou com a presença de um ou mais membros da família, cuja presença do segundo surgiu da iniciativa do primeiro, por se tratar de cônjuge, irmãos ou filhos que pudessem trazer mais informações à entrevista.

Contribuíram com a pesquisa as fotografias da paisagem, de várias temporalidades para a realização de análises comparativas entre o antes e o depois. Sendo assim, como dados coletados também foram feitos registros fotográficos da paisagem do bairro para serem comparados com fotos que os entrevistados possuíam e foram disponibilizadas para esta pesquisa. O recurso da fotografia tem caráter ilustrativo e informativo sobre os dados apresentados.

As fotografias possibilitaram associar as informações levantadas durante as entrevistas e ajudaram na compreensão daquela realidade: as fotos antigas foram apresentadas como meio de confirmação das falas surgidas; as fotos recentes foram usadas para revelar e apontar mudanças no espaço. Algumas destas fotografias são expostas nas sessões seguintes deste trabalho.

Os entrevistados tiveram suas identidades preservadas, sendo seus nomes substituídos por outros fictícios, uma vez que existem entre os moradores dos bairros ressentimentos em torno do assunto herança, sobretudo em torno da divisão das terras durante inventário imobiliário.

Dados do Censo Agropecuário 2006 (IBGE 2006), Censo Agropecuário 2017 (IBGE 2017a), além da Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2017 (IBGE 2017b) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (IBGE, 2017c) foram levantados e contribuíram com a caracterização socioeconômica do município investigado.

Com a posse das informações obtidas durante as entrevistas e dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), as análises sobre o universo rural estudado foram organizadas em três categorias centrais, que emergiram das próprias entrevistas: (1)

Percepções históricas-locais dos moradores em torno dos arrozais; (2) Trabalho, sustento e renda: mudanças e permanências no campo pelo viés do trabalho e da geração de renda; e (3) Uma outra configuração rural, apresentando o que ficou depois dos arrozais em termos de organização das famílias, das propriedades e do trabalho.

## **O MODO DE VIDA CAMPONÊS E SUAS SUSCETIBILIDADES**

Entende-se modo de vida camponês como um “conjunto de práticas e valores que remetem a uma ordem moral a qual tem como valores elementares a família, o trabalho e a terra” (CHAYANOV, 1986, p. 21-22). Porém, a maioria das pesquisas sobre o campesinato colaboram para uma visão teórica economicista da construção do campo, ocultando muitas vezes uma subjetividade e ações dos indivíduos rurais compostas em uma ordem moral constituída de ética campesina.

Neste sentido, segundo Chayanov (1986), a economia camponesa necessita de um conjunto de conceitos específicos e requer ser tratada fora da ótica capitalista, ou seja, a partir de um olhar econômico próprio. No universo camponês é o trabalho de base familiar em torno da terra a única condição possível para a obtenção de recursos, porque não existe a ocorrência dos salários e, por este motivo, também está ausente o interesse capitalista do lucro.

A racionalidade e as particularidades da produção campesina têm como objetivo básico garantir a satisfação das necessidades, o que, de acordo com Chayanov (1986), motiva o trabalho. O eixo da dinâmica econômica camponesa está expresso no equilíbrio existente entre o consumo familiar e a exploração da força de trabalho, também familiar. Segundo o autor, cada família possui uma dinâmica demográfica própria, dada em função do número de membros que compõem e de suas idades (crianças e idosos consomem mais do que trabalham, por exemplo).

Esta composição familiar determina a variação no volume de trabalho e consumo, necessário para garantir a sobrevivência de família, pressuposto que é de extrema importância para compreender o campesinato. Em resumo, o equilíbrio será afetado pelo tamanho da família, membros aptos ou não ao trabalho, e pela dimensão da terra, sujeita a alterações por herança, casamentos etc. (CHAYANOV, 1986).

Portanto, neste universo rural, a terra é percebida enquanto uma dádiva de onde se retira o fruto através do trabalho, que garante o sustento da família e das próximas gerações. Por isso, na perspectiva desses camponeses, a terra não é vista como um objeto

(fator de produção, economicista), mas como a expressão de uma moral, representada no contexto por valores éticos. O camponês é dono da terra porque a trabalha e, por ser dono, pode transmitir para os filhos (WOORTMANN, 1990; MARQUES, 2003).

O trabalho, por sua vez, se constitui como parte essencial da força de trabalho familiar, elemento que garante a alimentação de todos os integrantes da família. Esta última, entendida, além de uma unidade de produção, também como núcleo que dá base a uma particularidade social camponesa que se desenvolve naturalmente, ou seja, “elemento estruturante e socializador de seus integrantes” (WOORTMANN, 1990, p. 13-14).

No universo rural, a relação terra e trabalho tem uma conotação bíblica, pois se Deus deu a natureza - e nela está a terra - para o homem, este deve trabalhá-la, e por este motivo, é pelo trabalho que se tem direito à terra, e esta é considerada patrimônio de uma família. Também é pelo trabalho, e pelo saber que o orienta, que se é “pai de família”, e este status implica “a transmissão da terra e do saber que gerencia a propriedade familiar para a manutenção e continuidade do trabalho na terra e da vida rural” (WOORTMANN, 1990, p. 23).

Neste cenário, ainda tem o valor “liberdade” que, segundo Woortmann (1990), é atribuído ao fato de um camponês não se sujeitar ao outro, ao ritmo ou às condições de trabalho de outra pessoa. Podemos tomar como orientação para a definição deste valor quando um camponês, ao possuir um pedaço de terra, retira o seu próprio sustento e isto significa também livrar-se da condição de assalariado, da sujeição, da humilhação, do cativo que se estabelece quando não se possui liberdade.

Esses valores morais que direcionam ações e orientam desejos e estratégias para promover a manutenção da vida campesina são compartilhados pelos camponeses e constituem-se, de acordo com Woortmann (1990), em um “ethos” camponês. Estes valores compartilhados tendem a ser em maior ou menor grau dependendo do tempo e do espaço, e podem permitir ao agricultor ter uma dupla concepção da realidade inclinando-se à ética campesina ou à concepção mercadológica capitalista<sup>1</sup>.

Woortmann (1990) ressalta que nas relações sociais objetivas do cotidiano, essas representações de valores campesinos podem encontrar-se adormecidas ou naturalizadas, mas que, podem se transformar em “projeto”, o que o autor designa chamar de fator de união, quando em momentos de crise frente às condições de exploração do capital.

---

<sup>1</sup> A ação camponesa que objetiva a produção para o mercado não significa em si uma modernização no plano dos valores, ou seja, o camponês pode produzir para o mercado com o intuito de se manter no campo observando a terra como um patrimônio da família (WOORTMANN, 1990, p. 19 - 20).



Nesse contexto, a reconstrução de uma ordem tradicional se apresenta como um projeto de mudança. A partir desse raciocínio, podemos entender que a tradição é um meio de sobreviver às grandes transformações. Nas palavras de Woortmann (1990, p. 17), “a tradição, então, não é o passado que sobrevive no presente, mas o passado que, no presente, constrói as possibilidades de futuro”. Significa dizer que há a mistura de aspectos contemporâneos com os aspectos tradicionais, possibilitando uma configuração rural que é diferente do passado, ou seja, uma configuração que se transformar com o tempo.

Este universo rural é alvo constante de transformações de caráter profundo e abrangente marcadas pelo processo de exclusão/integração dos camponeses em relação à sociedade mais ampla, mas mantendo certos aspectos de sua organização. De acordo com Marques (2003, p. 14), ao analisar, ao longo do tempo, a reprodução social do campesinato de uma localidade no interior da Paraíba, é possível perceber que a “ação do Estado, por exemplo, é responsável por mudanças no universo rural marcadas pela implantação de um projeto para a modernização do campo”.

Para Marques (2003), com a presença do projeto modernizador, foi possível notar mudanças desde a substituição da lavoura de subsistência por atividade pecuária até a expulsão dos moradores da fazenda; da valorização da terra como mercadoria e avanço das cercas até a acumulação do capital que se contrapõe à lógica camponesa<sup>2</sup>. Para aqueles que permaneceram e tiveram acesso ao projeto modernizador, foi observado que a presença do Estado para a modernização do campo estava ligada a elevação da renda desses produtores, melhoria da qualidade de vida, organização sociopolítica.

À medida que esse campesinato tem o seu sistema de produção debilitado, em decorrência das mudanças observadas, mas não só, a sua reprodução social se dá de forma cada vez mais difícil, e alternativas surgem para a manutenção da vida como, por exemplo, a diversificação das atividades no espaço rural (MARQUES, 2003). Outras estratégias, mais drásticas, surgem como forma de garantir a própria sobrevivência e, neste sentido, a migração para trabalhar nas cidades é aquela que mais provoca transformações no modo de ser, de viver e de fazer do campesinato.

Para Marques (2003, p. 10), “estas mudanças alteram a forma de visão de mundo”. Por exemplo, ao migrar para a cidade, novas formas de relações sociais se apresentam como a sujeição ao patrão, a participação em movimentos sociais e o sentimento de quebra de laços sociais, quando, na cidade, o indivíduo é mais um em meio à multidão que não tem

---

<sup>2</sup> Existe uma lógica capitalista por trás das alterações nos bairros rurais, que transforma este espaço em mercadoria, agregando valor e transformando-o (MARQUES, 2003, p. 18).

a quem recorrer, uma vez que no campo, o indivíduo possui autonomia no trabalho e faz parte de uma rede de solidariedade (WOORTMANN, 1990).

No entanto, se este ainda permanece no espaço rural, mas as atividades rurais não são as principais fontes de renda e se assimilam novos elementos, sobretudo urbanos, a seus costumes, os quintais, ou o “lá fora” de acordo com Margarida M. Moura (1978, p. 48), ainda são percebidos como um espaço usado para as atividades domésticas: “onde poucas galinhas ainda ciscam; há alguma horta com hortaliças, cheiro-verde e legumes para o consumo próprio; e há alguns pomares que resistiram ao tempo e hoje garantem alguma fruta para o consumo próprio”.

### **ESTRATÉGIAS RURAIS: produção material, geração de renda e reprodução social**

Em decorrência das pressões que ocorrem sob o universo rural, alternativas para a manutenção da geração de renda das unidades familiares, bem como a permanência no campo, foram surgindo. Não se trata da manutenção do modo de vida rural nos mesmos moldes do passado, mas da manutenção da unidade familiar, o que significa manter um teto para a família e, também, o modo de habitar no mundo, evitando a migração aos centros urbanos, onde a vida pode ser incerta e mais difícil.

Uma das principais alternativas neste universo surge como resposta à questão sobre quem vai cuidar da propriedade no futuro: a sucessão familiar (SEYFERTH, 1985). A sucessão não está nas rodas de discussão das famílias e sem um sucessor, o universo rural sofre mudanças de âmbito material e social. Materialmente, não importa o tamanho das terras, sem um sucessor para herdar, o campo produz menos. Se não há a sucessão, aquele modo de vida é encerrado e a venda das terras é uma das saídas para a sobrevivência das famílias.

A herança é um assunto quase proibido entre as famílias, capaz de gerar conflitos, e “a sucessão exige consenso, em que, na hora da divergência, alguém tem que renunciar à opinião e ceder” (MOURA, 1978, p. 26). A conversa é o ingrediente para a sucessão familiar e quanto mais cedo isso começar, melhor para a transição. Não basta passar a propriedade para a geração seguinte, é necessário preparar o jovem antes e, neste sentido, a sucessão familiar no campo é caracterizada também pela passagem dos saberes: o saber-fazer (SHANIN, 1972,).

Passar as terras de uma geração para outra sempre foi algo muito presente entre as famílias camponesas (WOLF, 1976; MOURA, 1978; CHAYANOV, 1986), e a continuidade dessa prática já não é tão automática (IBGE, 2017a). Jovens passam a dar

importância para os estudos e sentem-se atraídos pela cidade, o que promove, em certos casos, a falta de sucessores, ou seja, geralmente ocorre quando os filhos migram para a cidade e não veem no espaço rural perspectiva de futuro. Assim, quem fica e quem sai do espaço rural tem sido uma dinâmica que cada vez mais tem deixado agricultores familiares ensimesmados (CARNEIRO, 1999).

A sucessão familiar tem frequentemente sido um dos problemas nos espaços rurais, uma vez que em muitas comunidades rurais falta sucessor no campo. Nesse sentido, o acesso aos créditos fundiários e às políticas públicas de desenvolvimento rural tem sido uma alternativa para a manutenção da família no espaço rural, ao passo que possibilita, por meio das atividades financiadas, manter a propriedade e a vida (MDA, 2017). No entanto, não há garantias de que estas políticas revertam o quadro. As tendências, inclusive, mostram o contrário: a demografia no espaço rural é cada vez menor por conta da fecundidade reduzida e, mesmo com certos incentivos, jovens são marcados pelo desinteresse em continuar no campo. (CASTRO, 2009)

Com a sedução pela cidade, o campo foi perdendo seus atrativos. Uma das dificuldades do espaço rural também é a falta de alternativas de lazer. Antes, por exemplo, de acordo com Oliveira, Rabello e Feliciano (2014, p. 8), “as comunidades foram diminuindo de tamanho e hoje não têm tanta gente para montar um time de futebol” o que revela um problema bem maior: se há uma diminuição de pessoas, logo há uma carência de força de trabalho para a lida na terra. O jovem que fica precisa de um incentivo para mostrar o seu potencial e é neste sentido que créditos, políticas públicas e projetos têm se apresentado como incentivos importantes no sentido de se estimular a manutenção do tecido social no campo.

Segundo o que distingue Redin (2012), o reconhecimento positivo ou negativo do rural pelos jovens abarca as circunstâncias materiais, os locais e possibilidades de sociabilidade, tal e qual a oportunidade de manter-se nos estudos sem ter a obrigação de migrar. Assim, ainda de acordo com o autor, aumentar a esfera de possibilidades para a efetivação desses interesses é essencial e deve ser uma conexão para gerar melhor qualidade de vida e para garantir a realização dos projetos alternativos individuais e coletivos daqueles que vivem no espaço rural.

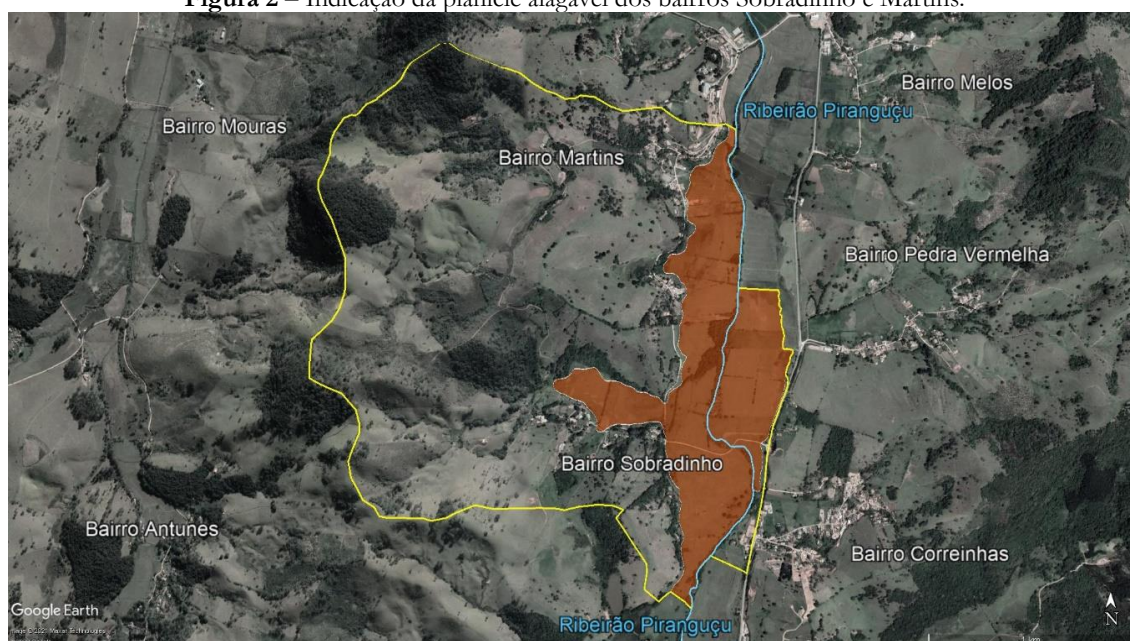
## **O UNIVERSO RURAL ESTUDADO: análises, resultados e discussões**

Os bairros Sobradinho e Martins são limítrofes e estão localizados à margem esquerda do Ribeirão Piranguçu, em um relevo composto por montanhas, morros e várzeas. Sobradinho surgiu alguns anos após o povoado de Piranguçu, na década de 1830, sendo referenciado em antigos documentos existentes no Cartório de Registro, como por exemplo em recibo de pagamento de impostos à Colletoria de Itajubá, no ano de 1881, em permutas de terras registradas em 1898 ou mesmo em cadernos oficiais de registros de casamentos, nascimentos ou óbitos (SIQUEIRA, 2012).

As origens do bairro Martins estão atreladas à origem do Sobradinho, mas suas dimensões atuais se devem às antigas divisas de uma propriedade particular. De acordo com dados da pesquisa, trata-se da propriedade de uma mulher que recebeu como herança terras onde hoje está limitado o bairro. As gerações seguintes foram se estabelecendo na propriedade, através da divisão das terras em herança e hoje vivem 63 famílias nesta localidade.

Como os bairros eram compostos por várzeas, apresentadas na Figura 2, na década de 1930 iniciou o plantio do arroz irrigado. Contudo, com a retinização do ribeirão Piranguçu, em 1978, esta cultura foi sendo inviabilizada, devido ao afundamento do leito do rio, dificultando o processo de represamento da água para a irrigação. Mesmo com alternativas de utilizar a água de córregos e valetas, o volume dessa produção não foi a mesma como aquela anterior à data da retinização do ribeirão e foi diminuindo com o passar dos anos (SIQUEIRA, 2012).

**Figura 2** – Indicação da planície alagável dos bairros Sobradinho e Martins.



Fonte: Google Earth. Elaborada pelo autor.

Atualmente, o bairro Sobradinho possui 34 propriedades e o bairro Martins, cujas definições são bem diferentes, é o bairro mais populoso desta pesquisa: são 58 propriedades. Juntos, os bairros possuem 201 moradores, dos quais 140 compreendem moradores antigos e seus descendentes – 69,6%, e os demais são aqueles vindos “de fora”. Considera-se como antigos moradores aqueles que nasceram e continuam vivendo em um dos bairros; como descendentes aqueles cuja geração surgiu a partir dos antigos moradores de um dos bairros e continuam vivendo na localidade.

Ainda tem aqueles considerados como “os de fora”: são pessoas que passaram a viver no bairro e não têm parentesco com moradores antigos ou os descendentes destes. Estão no bairro porque adquiriram terras de antigos moradores (ou seus descendentes) e construíram sua casa ou um espaço de veraneio para fins de semana.

Economicamente, hoje, o bairro se sustenta pela criação de gados tanto para o corte quando para a produção de leite, mas isso corre em algumas poucas propriedades. Muitos dos moradores são aposentados e outros trabalham na cidade. Com a diminuição da possibilidade para se cultivar, diminuiu-se o trabalho na roça e como a cidade esperava mão de obra qualificada, os filhos dos lavradores passaram a ser os provedores de renda, pois estas novas gerações, incentivadas pelos pais, se especializaram no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) e passaram a trabalhar nas indústrias de Itajubá (Mahle, Imbel, AFL, Alstom, Helibrás, Cabelauto e Balteau).

### **Percepções históricas/locais dos moradores em torno dos arrozais**

Os dados apresentados nesta sessão se tratam da experiência e percepção dos moradores envolvidos neste trabalho. Refere-se às lembranças da história pessoal de cada um entrelaçadas com a história local. Não é isenta de afetos e não se propõe neutra, mas sugere explicitar o vínculo de seus narradores com o lugar, suas admirações, saudades, incômodos, a partir de suas lembranças. Os relatos contribuem para uma comparação entre o antes e o depois, o que permite apresentar a configuração atual do bairro e da vida de seus moradores. Segue a exposição.

Nos bairros desses moradores, entre 1935 até meados dos anos 2000, colhia-se grandes quantidades de sacas de arroz plantadas na várzea de Piranguçu e esta era a principal fonte de renda daquele momento para muitos agricultores, garantindo o sustento de todos os envolvidos. Na Figura 3, de 1976, vê-se parte das várzeas de Sobradinho alagadas, indicando que o arroz foi plantado e aguardando os primeiros brotos.



**Figura 3** – Início do alagamento dos arrozais no bairro Sobradinho, em 1976.



Fonte: acervo pessoal de morador local.

Neste período, o início da colheita era uma festa: momento de prosas, fortalecimento da camaradagem e trocas de experiências. Homens e mulheres se desdobravam entre as atividades que envolviam a colheita e o almoço, respectivamente; as crianças se divertiam brincando nas palhas de arroz que se originavam do corte das ramas e que se acumulavam à beira do terreiro.

Uma parte do arroz, já beneficiado, era guardada para o consumo próprio. A maior parte era vendida para firmas de beneficiamento e empacotamento e o dinheiro resultante desta venda era usado para nova produção, manutenção da terra e da casa, abastecimento da despensa, compra de tecidos para roupas, cuidados médicos e guardado para manter a casa até a próxima colheita. Ouve-se por aqueles que vivenciaram o auge da plantação de arroz no município (e isso significa entre 1935 e 1985, uma vez que a partir desse período o cultivo foi perdendo espaço para outras atividades) que boa parte do dinheiro originado com a venda das sacas era guardada, como poupança, para a aquisição de novas terras.

Hoje, o arroz deu lugar ao gado. É assim que boa parte das várzeas dos bairros Martins e Sobradinho é percebida: grandes pastos. A principal estratégia usada pelos ex-plantadores de arroz foi arrendar suas terras para a pecuária leiteira e/ou de corte. A Figura 4 mostra a configuração atual da paisagem e, se comparada com a Figura 3, revela a diferença entre o que era em 1976 com o que se vê em 2019: pastagens.

Figura 4 – Várzea ocupada por pastagem. Foto de 2019.



Fonte: arquivo de pesquisa/elaborada pelo autor.

Além desta, outra grande mudança percebida foi o abandono da roça pelos jovens, o envelhecimento e o direito à aposentadoria, a divisão das terras por meio das heranças e, por consequência, o fim das plantações, não só do arroz, como dito, mas de qualquer cultura que se tinha há 25 anos. Este fim das plantações se refere a todo aquele cultivo que garantia alguma renda às famílias, como milho, feijão, cana de açúcar, mandioca etc. No entanto, alguns aspectos perduraram e são percebidos: ainda há galinhas nos quintais, hortas que garante alguns itens para o consumo próprio e pomares que resistiram ao tempo.

### **Trabalho, sustento e renda: mudanças e permanências**

Nesta sessão serão discutidos trabalho, sustento e renda durante e depois da produção de arroz, buscando apresentar o que mudou e o que permaneceu na vida de cada morador, comparando com a teoria clássica relacionada à campesinidade. Nas linhas que se seguem, apresenta-se: i) como a vida rural era durante a existência dos arrozais, elencando trabalho, sustento e renda; e ii) como a vida segue após a passagem do tempo, marcando elementos que mudaram e/ou ainda permanecem no dia a dia das famílias em relação ao trabalho e a geração de renda para a continuidade da vida no espaço rural em questão.

Sobre o período dos arrozais, durante as entrevistas, nota-se que é frequente nas falas dos entrevistados a sensação de que tudo era mais farto, mais saudável, mais acessível no passado, inclusive em termos de autonomia alimentar. Tal autonomia relaciona-se com

o trabalho e a terra que, de acordo com Woortmann (1990, p. 30), se “constituem como parte essencial da força de trabalho familiar, elementos que garantem a alimentação de todos os integrantes da família”. Uma unidade de produção é uma família, e esta também é tida como núcleo que serve de apoio para seus integrantes, socializando-os dentro de uma particularidade social camponesa que se desenvolve naturalmente.

O relato a seguir é uma passagem de uma entrevista que revela como essa autonomia alimentar é garantida pelo trabalho e pela terra, e como a família é indissociável dessa relação trabalho/terra.

*De primeiro não precisava comprar fruta. Antes tinha mais fartura. Os pessegueiros que tinham por aqui davam pêssegos bonitos e não tinham bichos. Hoje não tem mais, porque os pés envelheceram e ninguém replantou mais. Quando meu pai plantava cebola e alho, dava para encher um cômodo inteiro depois que colhia. Antes, a gente não precisava comprar as coisas: galinha, ovo, porco, abacaxi, arroz. Tinha tudo. Era fácil ter essas coisas em casa. Até roupa era fácil ter, porque a gente comprava os panos na cidade e a gente mesmo fazia nossas roupas. Eu e as irmãs todas aprendemos a costurar com a mãe fazendo nossas próprias roupas. E todo mundo tinha que ajudar em alguma coisa, senão o pai e a mãe não davam conta porque era muita gente pra comer: os filhos mais velhos tinham que ajudar o pai na roça de arroz e os mais novos faziam serviços mais pequenos como levar almoço para quem estava na roça, varrer o terreiro, revirar o arroz com o rodo, tratar dos bichos, essas coisas (Julia).*

Apesar de revelar um saudosismo, o relato de Julia demonstra como a vida no campo era farta e isto possibilita identificar a importância do trabalho - trabalho duro, pesado, de sol a sol - e, por isso, este era associado a uma vida sofrida. Se existia fartura de frutas, verduras, legumes e carne era porque existia trabalho. Chayanov (1986) explica que a fartura está diretamente relacionada ao quanto se trabalha e a força de trabalho está diretamente relacionada ao número de membros familiares aptos ao trabalho. Mais mãos para lidar com a terra significa um resultado maior e melhor na lavoura. A teoria do economista Chayanov também pode ser confirmada a partir das passagens seguintes:

*A gente era em nove irmãos. Desde pequeno a gente já trabalhava. Plantava arroz de covinha e vigiava passarinho na várzea. Procurava ovo de galinha no bambuzeiro. Tinha bastante trabalho na terra, ajudando o pai na capina do arrozal e do abacaxizal. Ajudava descarregando o cargueiro de mula cheio de milho. A coisa que a gente menos gostava era ter que descarregar mais de vinte cargueiros e guardar no paiol. (Gerônimo).*  
*Dia de domingo tinha festão do Divino em Piranguçu e a gente ficava aqui banando arroz para poder pagar a terra que o pai comprou. Por isso que a gente não desfaço da terra do pai, porque foi custoso. Preciso trabalhar muito para poder conseguir as coisas que temos hoje. A vida era bem sofrida. A gente, de primeiro, tinha fartura, mas o povo tinha uma vida sofrida (Julia).*

Nos bairros Sobradinho e Martins, o trabalho na terra era o responsável pela autonomia de abastecimento de muitas famílias que viviam neste espaço. Terra, família e trabalho são os elementos essenciais para a vida no campo. Para Chayanov (1986), nas

unidades camponesas ocorrem a organização a partir da força de trabalho disponível e do número de consumidores integrantes da família, sendo essas duas variáveis a dimensionar o volume da produção. É neste sentido que percebemos, nas entrevistas dos moradores, a sensação de que a vida era melhor, mais saborosa, mais farta, o que pode ser explicado por conta da força de trabalho maior na família de Julia e Gerônimo, pela quantidade de filhos.

Ao realizar um comparativo entre a realidade de antes com o que se vive hoje, os moradores entrevistados resgatam momentos, fatos e situações do passado que se tornam subsídios para explicar mudanças ocorridas em suas vidas. Tal resgate é colocado frente a frente com novos elementos do dia a dia: o carro, a eletricidade, o supermercado, o gás de cozinha etc. A passagem seguinte é uma resposta às perguntas sobre o que tem hoje que torna a vida melhor que antigamente

*Hoje é tudo diferente. Hoje ninguém quer mais continuar na roça, querem trabalhar na cidade, ter um salário e poder ter seu carro, sua moto, ter um dinheiro garantido. Se você entra nas casas hoje você vê televisão, geladeira, fogão a gás, luz, internet. Todo mundo tem internet e celular. Não tinha nada disso antes e isso facilita demais a vida. Num caso de socorro é bom ter um carro para levar no postinho, um celular para chamar ambulância. Energia é o que mais ajuda para tomar banho, ver TV e até para lavar roupa é uma beleza. Mas para tudo isso precisa de dinheiro. (Eulália).*

Longe de pensar num tempo vivido no pretérito, seja ele melhor ou pior - se comparado ao presente - reflete-se aqui sobre a importância de como novos elementos evidenciam mudanças em vários âmbitos: econômicos, sociais, ambientais e de saúde. A título de exemplo, a própria necessidade de consumo de bens, duráveis ou não, para a manutenção da vida cotidiana é que, para tais moradores, torna-se um grande dilema: o consumo a partir da renda resultante do manejo da terra ou das rendas que dela não provém diretamente. Tendo a produção agrícola sido alterada significativamente por fatores modernizantes e, a dependência cada vez maior de rendas não provenientes, diretamente, do manejo da terra para a manutenção da vida, a necessidade de saída do campo para o trabalho urbano torna-se uma questão de tempo.

À medida que esse campesinato tem o seu sistema de produção alterado em decorrência das mudanças observadas, a sua reprodução se dá de forma cada vez mais difícil e as alternativas que surgem para a manutenção da vida, como, por exemplo, a diversificação das atividades no espaço rural ou o deslocamento para a cidade tendem a acentuar o distanciamento social entre os moradores dos bairros rurais, sejam eles agricultores ou não.

Isso significa que aqueles que estão mais próximos do universo urbano (inseridos neste ambiente) têm seu modo de ser modificado ao passo que aqueles que vivem da



agropecuária e conhecem outros mercados (e têm seus acessos) tendem a ser financeiramente diferentes. Distanciam-se culturalmente, economicamente ou por ambos.

Assim, como aconteceu nos bairros Sobradinho e Martins, tais estratégias seguem um caminho da individualização do trabalho. Não se observa mais a camaradagem, a troca de serviços ou o mutirão. Observa-se cada família buscando formas de sustento competitivas, onde cada um é responsável por si, desconsiderando práticas coletivas típicas do ambiente rural.

Quando perguntado sobre o momento em que as coisas começaram a ficar mais difíceis, os entrevistados relataram diversos elementos responsáveis pela transformação da vida de cada um e da vida nos bairros em questão. Por exemplo, o casamento foi o marco de transformações na vida de uma das moradoras entrevistadas, Dona Julia, uma vez que a partir da vida conjugal a necessidade de dinheiro para manter a casa passou a ser maior, quiçá a única.

Nesta condição, tal necessidade de manutenção da casa e da vida não podia ser amenizada com idas à casa paterna para a busca de frutas e verduras, pois a vida em matrimônio delineava outros desafios, impostos por regras sociais específicas do universo rural – ir à casa paterna com este fim dava sinais de que o marido não estava arcando com as responsabilidades do casamento e retirar da casa paterna/materna porções da produção não era aceito pelos irmãos que ainda permaneciam na casa dos pais.

Somente o matrimônio não explica tal mudança na vida de Julia, mas quando analisado em conjunto com a resposta dada a pergunta “seu marido era agricultor?”, é possível perceber que tal mudança advém de outros elementos ligados ao trabalho com a agricultura.

*Meu marido não tinha experiência com lavoura. Seu avô criava gado e ele ajudava nisso. Quando casamos também não tínhamos várzea para o arroz e nem dinheiro para comprar vacas. Já viu como uma vaca é cara? Então ele foi trabalhar em São José dos Campos, mas ficou doente e teve que voltar. Não nos adaptamos lá. Então foi trabalhar na construção da rodovia e aí a vida ficou boa, mas logo acabou. Depois que a rodovia terminou então ficou trabalhando de bicos, arrumando bicicletas e trabalhando de camarada. O dinheiro que vinha era a conta para as despesas. Minha mãe e minha irmã ajudavam no começo dando algumas coisas para nós, mas meu marido não achava bom. Então nos mudamos para Piranguçu. Alugamos a nossa casa para um senhor de Itajubá e em Piranguçu alugamos outra com preço mais baixo para morarmos. O dinheiro que sobrava dava para fazer compra. Mas não ficamos mais que um ano na cidade. Não conseguia me acostumar. Voltamos para a roça, mas nesse tempo fizemos uma casa pequena perto daquela que alugamos. Mantemos o aluguel da casa antiga e isso ajudou bastante a vida por dezoito anos. Mas trabalhar na roça não dava mais. Não era vantagem (Julia).*

O fato de o marido não ter a experiência no trato da terra é um fator decisivo na transformação da vida de Dona Julia. Isto reafirma a importância da terra, do



conhecimento com o trato da terra e do trabalho para a manutenção da vida no campo. Tal manutenção ainda pode ser afetada por mudanças significativas sobre a plantação de arroz – como a necessidade de maquinário, o preço baixo do cereal etc. Estas informações reafirmam o conceito de liberdade, tratado por Woortmann (1990), quando o valor “liberdade” é atribuído ao fato de um camponês não se sujeitar ao outro, ao ritmo ou às condições de trabalho de outra pessoa. No caso de Dona Julia e seu ex-marido, a liberdade era cerceada pela falta de experiência do trabalho com a terra.

Considerando que autonomia alimentar é sinônimo de liberdade, para Luiza, moradora do Sobradinho, a resposta para entender esta mudança está nas variações dos preços do arroz e de outras culturas, como o abacaxi, o milho e a mandioca. Mas foi a dificuldade de se plantar o arroz a maior vilã na autonomia familiar. Quando perguntado sobre o que pode ter provocado tal dificuldade para a produção de arroz, o relato de Luiza contribuiu para evidenciar outros elementos que confirmam a mudança percebida e seus motivos.

*Vendia arroz antes, dava uma dinheirama e agora não dá nem para pagar o camarada. Depois que os grandes colocaram trator e máquina nos arrozais é que começou a ficar difícil de plantar. Parece que não dá preço porque barateou e não dá para vender no mesmo preço de quem tem trator na lavoura. Hoje também está difícil ter água para encher as várzeas. Parece que está acabando a água. E o povo que trabalhava na roça está morrendo tudo e por isso não tem jeito de trocar dia, porque não tem gente para trabalhar para a gente. Os mais novos não querem saber de trabalhar na roça. Tudo quer empregar na cidade. De primeiro, as mulheres não iam trabalhar na cidade e ficavam tudo na roça para ajudar. Hoje enche o ônibus tudo e desce para a cidade. Trabalhar na roça hoje precisa de muito dinheiro para investir na lavoura, no gado, na terra. É veneno para isso, é vacina para aquilo, é adubo para isso. Fica caro demais. Para compensar precisa plantar bastante e as terras da gente não é grande (Luiza).*

Com a presença do projeto modernizador, foi possível notar mudanças desde a substituição da lavoura de subsistência por atividade pecuária até a expulsão dos moradores da fazenda; da valorização da terra como mercadoria e avanço das cercas até a acumulação do capital que se contrapõe à lógica camponesa. Essa tendência ocorreu, e continua ocorrendo, como consequência da modernização e mecanização das principais operações de cultivo das culturas ditas essenciais e, também, pela redução da área cultivada, motivada seja por crises de algumas culturas, por políticas específicas de controle de excedentes ou pela sedução do universo urbano.

Tratando de como a vida segue após certos ajustes em torno da vida rural, ao longo dos anos e após o abandono da plantação de arroz, os relatos seguintes mostram algumas transformações sociais na vida dos moradores diante das pressões sobre o universo rural. A pergunta “como a família se sustenta hoje?” foi usada para apresentar resposta sobre a

realidade atual dos entrevistados. As primeiras respostas que ajudam a entender este assunto são apresentadas nas passagens que se seguem:

*A família aqui em casa é em oito pessoas: eu, Eulália e os seis filhos e todos trabalhavam na roça. Eu e os meninos cuidavam da lavoura e das vacas e a Eulália com as duas meninas cuidavam da casa, da horta e dos bichos soltos no terreiro. Nossa comida vinha do terreiro e da horta e as roupas e os remédios vinham da venda da lavoura. Antigamente a gente vendia tomate, arroz, feijão, batata e milho. Agora as meninas estão casadas e os meninos estão trabalhando na cidade, casados também, e só ficou eu, a Eulália e o menino do meio, o Lázaro. Depois que o arroz desvalorizou, ficamos só com as vacas, mais porque com vacas o trabalho é menor. A gente está velho então é mais fácil lidar com gado e como os filhos não estão mais em casa, é o que dá para fazer. Se não colocar vaca, a terra fica parada e não é bom terra parada, porque junta mato e dá mais trabalho para cuidar, porque precisa de roçado e roçar não é tarefa fácil, ainda mais quando não se tem camarada para ajudar (Joel).*

*Hoje, aqui em casa, nós temos a nossa aposentadoria e o Lázaro trabalha como caseiro no sítio do Seu Clécio, mas a gente não sabe até quando, porque o homem anda meio doente. Mas o Lázaro aqui em casa ajuda bastante. Ele tem o carro dele, então qualquer emergência a gente tem esse socorro. Se não fosse a aposentadoria nossa, a gente não sabe como seria. Nós dois velhos não conseguimos tocar uma lavoura sozinhos e nem os meninos para lidar com a terra a gente podia contar, porque ganha mais trabalhando na cidade. Hoje também as coisas não têm mais preço, não só o arroz, mas tudo, porque antes a gente plantava misto (arroz, feijão, batata, tomate). Hoje não compensa plantar. Então a aposentadoria é o que mantém a casa hoje. E aqui no bairro, do pessoal que lidava na roça, tem muitos que já estão aposentados (Eulália).*

*Devido a revolução dos últimos tempos, a falta de serviço na roça, o barateamento do arroz, nós fomos obrigados a buscar outros meios, outras formas de renda. Fiquei na roça ajudando o pai até os 16 anos, então fui para o SENAI, porque era a opção mais viável e a gente formava com emprego garantido. Depois de formado, fui trabalhar em São José dos Campos, mas não me acostumei, senti saudade de casa e voltei. Aí tive que trabalhar na roça de novo, ajudando o pai com o arrozal. Em 2004 vi que a colheita de arroz não estava compensando, não dava mais garantia de renda. Então fiz concurso para o Laboratório Nacional de Astrofísica e consegui passar. Estou lá até hoje como mecânico (Tarso).*

Os relatos acima revelam um rural em que as atividades na lavoura perderam destaque e a alternativa de se buscar renda na cidade foi a principal escolha entre os moradores, principalmente entre os mais jovens. A aposentadoria chegou para os mais velhos, que trabalharam por anos nas lavouras de arroz, no momento certo, o que permitiu o abandono do arroz de forma definitiva. A criação de vacas veio para substituir as lavouras como forma de incrementar a renda familiar e permitir que a terra não caia em desuso.

O que se percebe é que este fenômeno não implica em um aumento proporcional da pluriatividade, como muitos pesquisadores têm apresentado sobre o universo rural, onde os indivíduos que formam uma família podem optar entre combinar duas ou mais ocupações, assumindo a condição de pluriativos (SHINEIDER, 2009). O que se identifica nos bairros Sobradinho é a escolha pela troca de ocupação, deixando o trabalho agrícola e passando a ocupar-se exclusivamente em atividades não-agrícolas, mesmo sem deixar de

residir no meio rural. Aqui, trata-se de uma estratégia de reprodução social das famílias rurais, que recorrem às atividades externas por razões de adaptação, reação, estilo de vida, não sendo a pobreza o único fator determinante.

Se os ex-plantadores de arroz ainda permanecem no espaço rural, mas as atividades agropecuárias não são as principais fontes de renda e ainda assimilam novos elementos, sobretudo urbanos, sobre seus costumes, os quintais, ou o “lá fora” de acordo com Margarida Moura (1978), ainda são percebidos como um espaço usado para as atividades domésticas.

Uma outra questão abordada pela pesquisa está em torno das necessidades de uma presença maior do Estado, representado, neste caso, pela prefeitura do município. Tal presença tornaria a vida no campo mais cômoda e tranquila, segundo seus moradores. Trata-se, em outras palavras, da presença de médicos, coleta de esgoto, oferta de água tratada e transporte público, ruas pavimentadas e acesso a lazer. Os relatos de Liana e Márcia abrangem essas demandas, quando perguntadas sobre o que falta para tornar a vida no bairro melhor.

*A vida na roça é boa por conta do sossego que temos. Aqui temos tranquilidade, o que não achamos na cidade. Mas tem coisa na cidade que ajudaria a vida na roça. Quando precisamos de médicos, temos que correr para o postinho de Piranguçu e se a estrada não é boa, a gente passa um aperto, principalmente com chuva, pois mesmo com carro a lama segura. Hoje a estrada está boa, mas se ficar muito tempo sem manutenção, logo fica ruim. E aqui é desse jeito (Liana).*

*Eu gosto de morar no Sobradinho. A vizinhança é boa. Gosto daqui. Mas as pessoas aqui do bairro poderiam ser lembradas pela prefeitura. A zona rural parece que é esquecida. Aqui não tem coleta de esgoto, para pegar ônibus são dois quilômetros até a rodovia. Quando chove a nossa estrada fica uma tristeza. A vida aqui no bairro poderia ser melhor. Não é ruim, mas poderia ser melhor se tivesse uma preocupação da prefeitura (Márcia).*

Assumir estratégias e aceitar consequências – alternativas de geração de renda diferente da agricultura, manter-se no espaço rural, alcançar a aposentadoria, assimilar costumes urbanos e cobrar uma presença do Estado - podem ser táticas familiares e individual de reprodução social que poderá contribuir para solucionar dificuldades e restrições que afetam as populações rurais, tais como a geração de emprego, o acesso à renda e sua estabilização, a oferta de oportunidades para jovens etc. Nesse sentido, fica claro que cabe aos agentes de desenvolvimento - as universidades e seus planos de extensão, as secretarias de desenvolvimento ou agricultura dos municípios, bancos públicos etc. - questionamentos sobre como o Estado poderá impulsionar as políticas públicas em contextos e situações em torno do universo rural contemporâneo.

## **Outra configuração rural: o que ficou depois dos arrozais?**

Os bairros Sobradinho e Martins, outrora pioneiros na produção de arroz do município, assistiram mais mudanças do que permanências ao longo dos últimos 70 anos, ainda mais perceptíveis nos últimos 30 anos. O projeto de modernização do campo teve influências grandes sobre a vida das pessoas desses bairros, as quais apenas assistiram à inserção de maquinários nas lavouras e não foram atores incisivos nesta modificação, muito menos beneficiários de tal empreitada.

Além disso, o recurso hídrico tão essencial para a lavoura do arroz se tornou menos acessível, acarretando até mesmo a diminuição das águas ao longo dessas três décadas e levando os agricultores a buscarem novas técnicas de plantio, que na maioria das vezes fracassaram. Assim, o que vemos hoje nos bairros Sobradinho e Martins é uma série de estratégias de manutenção da vida rural em consórcio com práticas e costumes urbanos: trata-se de acordos e acertos em torno do trabalho e da geração de renda para a permanência nas propriedades.

Entre essas estratégias, encontramos como principal modificação o aumento da pecuária, o que implica observar o surgimento dos pastos nas várzeas férteis, onde as vacas, antes consideradas como parte de uma atividade secundária nos bairros, se tornaram principais fontes de geração de renda para os ex-plantadores de arroz, principalmente para aqueles que não se aposentaram ou não obtiveram outras formas de trabalho e renda, como na cidade, por exemplo.

Para aqueles que não tiveram condição de adquirir cabeças de gado e para não deixar terras paradas, realizaram o arrendamento das várzeas para a pecuária e com isso garantiram uma pequena renda ao fim do mês, não tendo gastos com o cuidado das terras, mas mantendo a propriedade ainda sob seu domínio. Tal renda se somava a outros recursos, mas nem sempre, como a aposentadoria e/ou a criação de gados.

Uma alternativa, menos recorrida pelos moradores, foi a venda de pequenos lotes para pessoas da cidade, o que acarretou transformações na paisagem do bairro. Novas casas, apenas de morada, surgiram, dando aos bairros, sobretudo ao dos Martins, uma configuração mais urbana que rural. Esse novo desenho da paisagem foi reforçado pela venda dos lotes, mas tal condição já vinha ocorrendo com a cessão de pequenas parcelas de terras para a construção de outras novas casas: a casa dos herdeiros.

Os filhos dos ex-plantadores de arroz não tinham recursos para a vida na cidade, local onde apenas eram trabalhadores assalariados nas indústrias e lojas. Como os bairros eram próximos de Itajubá, cerca de 15 quilômetros, o ir e voltar não era custoso, e por isso,



construir nas terras dos pais era mais econômico e viável. As figuras 5 e 6 revelam essa configuração dos dois bairros estudados.

**Figura 5** – Lado direito do bairro Sobradinho.



Fonte: arquivos de pesquisa.

**Figura 6** – Vista panorâmica do bairro Martins



Fonte: arquivos de pesquisa.

Assim, em torno do trabalho, ex-plantadores de arroz, em sua maioria, se encontram aposentados, mas vivendo na mesma propriedade, cuidando da horta, das galinhas e mantendo as terras arrendadas ou usando para criar algumas pequenas cabeças de gado. Seus filhos, casados ou não, ainda estão por perto, compartilhando a mesma casa ou a mesma propriedade, mas realizando trabalhos como assalariados na cidade, sobretudo em Itajubá, onde encontram empregos nas indústrias e no comércio. A lida na terra perdeu status de principal geradora de trabalho e renda e assume um papel secundário. Como



trabalho, ainda é possível encontrar aqueles agricultores que agora são empregados por aqueles que assumiram a pecuária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pressões que se acometeram sobre os bairros rurais investigados, concomitantemente à assimilação de novos costumes, sobretudo os oriundos do universo urbano, possibilitaram delinear novos traços sobre a vida rural e sobre a configuração rural. Diante do objetivo desta pesquisa, que foi conhecer as estratégias desenvolvidas para garantir a geração de trabalho e renda após o fim dos arrozaes nas comunidades, foi possível apontar os contornos do bairro em torno dos elementos trabalho, renda e vida rural.

O espaço rural estudado, após sofrer tais pressões, assumiu uma configuração bem diferente daquele tempo em que a atividade agrícola era sinônimo de abundância, autonomia alimentar e trabalho no campo. Podemos destacar, dentre aqueles moradores que não migraram, a vida no espaço rural garantida através da aposentadoria alcançada e do trabalho na cidade. Ainda, seus moradores, de modo geral, levam uma vida rural em que assimilaram elementos urbanos aos rurais no seu dia a dia.

Assim, as mudanças ocorridas no âmbito do trabalho são decorrentes do abandono da plantação de arroz e pela busca, principalmente dos mais jovens, de trabalho no ambiente urbano. A busca por um salário fixo, a carteira assinada e os estudos são elementos almejados pelos jovens do bairro e mesmo pelos próprios pais. Existe um processo de transformação em toda estrutura dos bairros Sobradinho e Martins, que já modificou e vai modificar mais ainda o modo de vida de seus moradores.

Ainda que o desejo por uma vida mais urbana e por outros hábitos de trabalho e consumo permeiem a vida desses jovens e de suas famílias, pode-se investigar mais profundamente as afetividades e os vínculos com o lugar que frequentemente emerge dos relatos de moradores e ex-moradores. O que se pode perceber é que, mesmo diante das trocas pessoais, simbólicas e materiais; de tanta transformação em torno do uso da terra, dos novos trabalhos e da forma de geração de renda; e da proximidade à cidade, ainda resiste uma essência rural nos moradores dos bairros estudados.

Nesse ângulo, não existe uma descaracterização do sistema social e cultural do universo rural provocada pelas trocas simbólicas e materiais com o mundo urbano, mas há, sim, uma transformação percebida nas mudanças de hábitos, costumes, e mesmo de compreensão de mundo, e que ocorrem de forma irregular desproporcional e

inconstante, com medidas, conteúdos e contextos diversificados, de acordo com os interesses e a posição social dos atores. Por isso, esta condição não implica uma ruptura definitiva no tempo nem no tecido social que envolve o universo camponês.

Galinhas, hortas, pequenas cabeças de gado para o leite e o cuidado em não “botar fora” toda a terra que já foi de seus ancestrais são elementos que revelam ainda uma característica rural, que dão aos bairros Sobradinho e Martins o *status* de bairros rurais do município de Piranguçu. A pesquisa, nesse sentido, é capaz de elucidar a compreensão sobre uma vida que pode não ser mais a mesma daquela vivida pelos antepassados, mas parece também estar distante dos modos de vida e dinâmicas dos grandes centros urbanos.

Analisar todas as espacialidades, territorialidades e histórias requer um entendimento de todos os processos envolvidos na configuração atual dos bairros e das vidas de seus moradores. É preciso entender as dinâmicas das pequenas cidades e dos bairros rurais, assim como contextualizar essas dinâmicas, de modo a compreender essas transformações com base nos interesses diversos que atuam dentro de seu círculo social e da sociedade global da qual o município e os bairros rurais fazem parte.

Dessa forma, a pergunta que permanece é: até quando esses bairros manterão esse *status* de rurais? Seus moradores almejam por uma presença do Estado, seja pela saúde, pelo saneamento, pela segurança e pelo transporte, pois percebem os desafios que os bairros enfrentam com a nova configuração que assumem. E o que se questiona ainda entre os moradores dos bairros é não se, mas quando essa estrutura rural acabará? Percebe-se um certo fatalismo nesta questão: o que garante que acabará? A estrutura rural não poderá tomar outros contornos diferentes dos quais já se assumiu? Esse processo será um importante capítulo na história dos bairros Sobradinho e Martins, e assemelha-se a realidades presentes em diversas localidades e diversos municípios deste país.

## REFERÊNCIAS

BALSADI, Otavio Valentim. Mudanças no meio rural e desafios para o desenvolvimento sustentável. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 155-165, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000100017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000100017&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 mar. 2018.

CARNEIRO, Maria José. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário dos jovens rurais. In: SILVA, F. C. T. (Org.). **Mundo rural e política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 97-117.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, v. 7, n. 1, p. 179-208, 2009.

CHAYANOV, Alexander. **La organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Ed. Nueva Vision, 1986.

GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 192 p.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2006**. Rio de Janeiro: Biblioteca do IBGE, 2009, p. 777. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro\\_2006.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/51/agro_2006.pdf)>. Acesso em: 07 jul. 2018.

\_\_\_\_\_. **Censo Agropecuário 2017: resultados preliminares**. IBGE, 2017a. Disponível em: <<https://censos.ibge.gov.br/agro/2017/>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa de Informações Básicas Municipais 2017b**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pirangucu/pesquisa/1/21682>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2017c**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

LAMARCHE, Hugues (Coord.). **Agricultura familiar: comparação internacional. Uma realidade multiforme**. Trad. Ângela M. N. Tijiwa. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

MARQUES, Marta I. M. Campesinato e luta pela terra no Brasil. In: BERTONCELLO, R.; CARLOS, A. F. (Org.). **Procesos territoriales em Argentina y Brasil**. Buenos Aires: Instituto de Geografía, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires, 2003. p. 183-199.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO - MDA. **Brasil: 70% dos alimentos que vão à mesa dos brasileiros são da agricultura familiar**. Brasília: MDA, 2017. Disponível em: <<http://www.mda.gov.br/sitemda/noticias/brasil-70-dos-alimentos-que-v%C3%A3o-%C3%A0-mesa-dos-brasileiros-s%C3%A3o-da-agricultura-familiar>>. Acesso em: 03 jan. 2019.

MOURA, Margarida Maria. **Os Herdeiros da Terra: parentesco e herança numa área rural**. São Paulo: Hucitec, 1978.

OLIVEIRA, Luciano B.; RABELLO, Diógenes; FELICIANO, Carlos A. Permanecer ou sair do campo? Um dilema da juventude camponesa. **Revista Pegada**, v. 15, n. 1, p. 136-150, jul. 2014. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/3032/2626>>. Acesso em: 17 nov. 2018.

REDIN, Ezequiel. Jovem rural em questão. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria-RS, v. 25, n. 01, p. 123-139, jan./jun. 2012.

SACHS, Ignacy. Brasil rural: da redescoberta à invenção. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 43, p. 75-82, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142001000300008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300008)>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SCHNEIDER, Sérgio. A pluriatividade no meio rural brasileiro: características e perspectivas para investigação. In: GRAMMONT, Hubert Carton de; MARTINEZ VALLE, Luciano (Comp.). **La pluriactividad en el campo latinoamericano**. Quito/Equador: Ed. Flacso, 2009. p. 132-161. (Serie FORO, v. 1).

SEYFERTH, Giralda. **Herança e estrutura familiar camponesa**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1985.

SIQUEIRA, Ana Benedicta. **Bairro Sobradinho**. 2012. Disponível em: <[http://www.pirangussu.com.br/home.php?pagina=noticias.php&cid\\_not=499](http://www.pirangussu.com.br/home.php?pagina=noticias.php&cid_not=499)>. Acesso em: 15 set. 2018.

SHANIN, Teodor. **The awkward class: political sociology of peasantry in a developing Society, Russia 1910-1925**. Oxford: at the Clarendon Press, 1972.

WOLF, Eric. **Sociedades Camponesas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

WOORTMANN, Klaas. **Migração, família e campesinato**. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, 1990.

#### Como citar:

#### ABNT

LIMA E SILVA, E. M. [et al.]. Outros contornos rurais: estratégias de geração de trabalho e renda desenvolvidas por ex-plantadores de arroz das comunidades rurais de Sobradinho e Martins (Piranguçu, Minas Gerais). **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 8, e202219, 2022. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202219>>. Acesso em: 30 dez. 2022.

#### APA

Lima e Silva, E. M. [et al.]. Outros contornos rurais: estratégias de geração de trabalho e renda desenvolvidas por ex-plantadores de arroz das comunidades rurais de Sobradinho e Martins (Piranguçu, Minas Gerais). *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 8, e202219, 2022. Recuperado em 30 dezembro, 2022, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202219>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2022, Universidade Federal do Maranhão.

